

Os sonhos continuam sendo a via régia para o inconsciente?

The dreams are still the royal road to the unconscious?

Rosane Muller Costa¹

Resumo

Neste escrito a importância dos sonhos para a teoria psicanalítica é revista ressaltando-se o lugar de paradigma do funcionamento inconsciente. Destaca-se ainda a preferência do tema pelo homem Freud, que fez da “Interpretação dos sonhos” não só um livro de teoria, mas a epítome de todas as análises, já que parte dos sonhos relatados são seus. Com isso estabeleceu as bases da psicanálise como fundada na interpretação e a relevância da análise do analista. Além disso, interroga-se neste escrito como os analistas da atualidade veem a obra fundadora do edifício psicanalítico e como usam o conhecimento sobre sonhos na prática clínica.

Palavras-chave: Psicanálise. Sonho. Inconsciente. Freud.

Abstract

In writing the importance of dreams for the psychoanalytic theory is reviewed, emphasizing the place of the operation paradigm unconscious. It is also the preference of the subject by the man Freud, who made the “Interpretation of Dreams” not only a book of theory, but the epitome of all the tests, as part of their dreams are reported. With that laid the foundations of psychoanalysis as based on interpretation and relevance of the analysis of the analyst. Moreover, it in writing as the analysts see the current work of the founder of psychoanalysis building and use the knowledge of dreams in clinical practice.

Keywords: Psychoanalysis. Dream. Unconscious. Freud.

¹ Psicanalista. Professora Mestra do Curso de Psicologia da UNIFOR. E-mail: rosanemuller@unifor.br.

Introdução

Considerada por seu fundador a obra inaugural da psicanálise, *A interpretação dos sonhos* completou, recentemente, cem anos de existência. Tendo sido publicada na passagem para o século XX consiste em dois volumosos livros dos vinte três escritos pelo mestre vienense com habilidade de grande escritor. Por que Freud tomou os sonhos como objeto privilegiado de estudo e

“Da cabeça de Medusa, inominável, à Esfinge que diz o enigma, a primeira metamorfose, que comanda todas as outras, se realiza: falta apenas decifrar o enigma”. (Pontalis, 2005,P.38)

não outra manifestação psíquica humana? Essa é uma das nossas interrogações nessa breve revisão. Certo é que atribuiu a eles um estatuto fundamental no contexto do edifício psicanalítico: na prática são a via régia para o inconsciente e na teoria consistem na realização alucinatória do desejo. Será que se ele não tivesse tomado os sonhos como objeto privilegiado de estudo ainda teria encontrado no desejo o cerne do funcionamento mental?

Neste escrito destacamos alguns pontos do estudo pioneiro de Freud sobre sonhos, sua importância para o homem e para o teórico, sua utilização na prática clínica, mas, sobretudo, pretendemos abordar como os analistas da atualidade entendem o fenômeno onírico passados pouco mais de um século de trabalhos clínicos e elaborações da teoria psicanalítica.

1. Freud e o livro dos sonhos:

Os sonhos interrogaram Freud como a Esfinge a Édipo: ele chegou mesmo a fazer do interesse por essa matéria “a senha”, que diferencia os psicanalistas dos não psicanalistas. Chamou atenção para o fato de que o enigma despertado pelos sonhos não era diferente do suscitado por outras manifestações psíquicas misteriosas e surpreendentes acentuando que: “... se nossas elaborações oníricas noturnas mostram de um lado a maior semelhança externa e o mais íntimo parentesco com as criações da alienação mental, são de outro lado, compatíveis com a mais perfeita saúde na vida desperta” (FREUD, 1909, p.32).

O termo “alienação mental” usado para designar a loucura é o ponto de intersecção entre esta e as “nossas elaborações oníricas noturnas”. Conforme o *Dicionário etimológico Nova Fronteira* (1997) o termo alienação vem do latim “*alienare*” e significa: ato ou efeito de alienar(-se), ou seja, transferir

para outrem o domínio de , apartar, desviar, alhear-se. “Alienado” além de ser usado para o louco, designa o que foi cedido, enquanto “alienígena” refere-se àquele que é de outro país, o estrangeiro. Esse termo, segundo Luiz Hanns, é usado por Freud em várias acepções, mas em geral “evoca o processo de afastamento de materiais, instâncias ou conteúdos psíquicos, que posteriormente não são mais reconhecidos e causam estranheza ao sujeito.” (HANNIS, 1996, p.53). Um dos mais instigantes textos de Freud, “O estranho”(1919), trata extensamente dessa questão. O retorno do recalcado é acompanhado da sensação de estranheza exatamente por não ser estranho ou desconhecido do sujeito. Os sonhos, por sua vez, revelam um fragmento de nossa vida mental que retorna, mas não é reconhecido como nosso, pois dele continuamos alheados.

Freud, entretanto, teve o mérito de destacar que não existe nada sem sentido e fora de propósito como produção psíquica humana, nada absurdo ou estranho, mesmo que sob a ótica da racionalidade e dos pressupostos que a orientam assim pareça. Os sonhos, as loucuras, bem como uma série de manifestações, onde não enxergamos nada além de meras falhas do discurso são portadoras de um significado ditado por mecanismos próprios investigados, detalhadamente, em *A interpretação dos sonhos* (1900).

Podemos tomar este como o livro dos sonhos ou como o livro que estuda os fenômenos oníricos, algo mais extenso que o sonho e que inclui além de sintomas, lapsos e esquecimentos muitas outras manifestações humanas. Os fenômenos oníricos têm em comum uma linguagem própria que seu estudioso maior denominou de processo primário. Assim, podemos dizer com Pontalis (2005, p.38) que “por intermédio das leis do logos do sonho, (Freud) descobre a de qualquer discurso e funda a psicanálise”.

Ao fazer da *Traumdeutung* a obra que alicerça o edifício psicanalítico foi demarcado o campo da psicanálise como fundado na interpretação e no que esta implica: o psiquismo é constituído em torno do sentido e da significação. O método de interpretação da psicanálise é o deciframento. Sonhar, a exemplo de outras manifestações, quer dizer alguma coisa, é uma mensagem e pode ser apreendida através da associação livre do sonhador. Em associando livremente o sonhador se esforça por falar as ideias que lhe ocorrem, não importando quais sejam, em torno dos elementos do sonho. À medida que ele fala o sentido vai se configurando, abrindo-se para ideias e pensamentos latentes ao conteúdo manifesto do sonho, o sonho relatado. O psicanalista é, pois, alguém com uma vocação especial para a busca do sentido, um intérprete.

Devemos ressaltar ainda uma característica peculiar da “A Interpretação dos Sonhos”: seu autor é simultaneamente o sonhador, o intérprete, o teórico e o narrador, pois, segundo Roudinesco e Plon (1998), dos 223 sonhos usados ,

47 são seus. Esse livro é, então, considerado o diário da vida de Freud, parte de sua autoanálise. Como observou Forrester (2000, p. 53), o livro “originador da psicanálise é a primeira auto-análise da história, e a epítome de todas as análises”.

Nesse sentido podemos dizer que o homem Freud era um apaixonado por sonhos e tomou-os como objeto de sua análise, já que esta foi realizada por intermédio deles. Podemos imaginar Freud, como sugere Pontalis, marcando, todas as noites, encontro com seus sonhos e eles, o que é mais surpreendente, compareciam. Diz Pontalis (2005, p. 38) “... Seria simplista atribuir a eles a mera função de mediadores que teriam possibilitado a Freud o “pleno reconhecimento de seu conflito edipiano” etc.”(...) “o sonho foi para Freud um corpo materno deslocado, ele cometeu incesto com o corpo de seus sonhos, penetrou seu segredo, escreveu o livro que o tornava conquistador e dono da terra incógnita.”. Pontalis (2005, p.38) destaca no sonho o aspecto de ser, sobretudo, “um objeto libidinalmente investido pelo sonhador, suporte de pavor e de gozo”.

Mas, por mais autobiográfico que essa obra seja foi, antes de tudo, parte de um projeto científico. Em sua primeira edição, segundo se encontra no livro *Freud, His Life in Picture and Words* (FREUD, 1998), seu autor comenta como, partindo dos sintomas, chegou aos processos oníricos, pois ao pedir a seus pacientes que dissessem o que lhes ocorria em associação com os sintomas, eles passaram a relatar-lhe sonhos. Não tardou que tratasse o sonho em si como um sintoma e aplicasse a este o mesmo método de interpretação usado para o sintoma neurótico.

2. O lugar dos sonhos na teoria e na prática psicanalítica

Retomando a concepção de que os sonhos são o paradigma teórico do inconsciente e, portanto, do que é verdadeiramente psíquico ou do que tem realidade psíquica, devemos acrescentar que esta, diferente da realidade material, está circunscrita à área da fantasia. Dizer que a fantasia tem realidade psíquica significa dizer que ela tem força para determinar nossa maneira de ser e estar no mundo, nossas preferências e atitudes, nossos sentimentos em relação a pessoas e situações. As fantasias encontradas nos sonhos correspondem à realização de desejos. Em verdade, do desejo inconsciente ou do desejo encoberto pela onda de repressão que assolou a infância e que por essa via delineou nossa natureza de seres desejantes.

A descoberta de que o sonho é a realização de um desejo foi feita no auge da auto-análise de Freud, como assinala Menezes (2006). Na ocasião, ele mantinha uma correspondência escrita intensa com o amigo Wilhelm Fliess e a quem se dirigia como só nos dirigimos quando estamos em análise: Fliess

era seu interlocutor imaginário constante. Freud inicia a carta de 23 de setembro de 1895 a Fliess dizendo: “Tenho-lhe escrito tão pouco, apenas por estar escrevendo muitas coisas para você...” (MASSON, 1986, p.140). Mais adiante ele comenta timidamente: “Um sonho de anteontem produziu a mais curiosa confirmação da concepção de que os sonhos são motivados pela realização de desejos.” (MASSON, 1986, p.141).

Cinco anos depois em 12 de Junho de 1900, a idéia de que o desejo é soberano na constituição do sonho está firmemente estabelecida e Freud escreve a Fliess dizendo que em Bellevue, “no dia 24 de julho de 1895 o segredo do sonho se revelou ao Dr Sigmund Freud”. E mais adiante continua: “... quando leio os livros mais recentes de psicologia (...), todos os quais têm uma orientação semelhante ao meu trabalho, e vejo o que eles têm a dizer sobre o sonho, fico realmente satisfeito, como o anãozinho do conto de fadas porque a princesa não sabe” (MASSON, 1986, p.418). Freud refere-se ao conto dos irmãos Grimm intitulado “Rumpelstilzquim”, onde uma pobre mulher se torna rainha com a ajuda de um duende, mas contrai com ele uma dívida: entregar-lhe o primeiro filho que tiver. Anos depois quando este nasce o duende vem cobrar sua dívida. A rainha implora-lhe que não o faça e tanto se lamenta que o anãozinho se compadece e diz que vai lhe dar uma chance: se em três dias ela não souber o seu nome, ele levará a criança. Seu nome é “Rumpelstilzquim”. Só no último instante a rainha acerta. Pois bem ... o desejo é esse nome impronunciável! Melhor dizendo, os desejos que nos habitam são impronunciáveis.

A lógica do desejo inconsciente é de uma natureza particular. O desejo tende a realizar-se restabelecendo, segundo as leis do processo primário, as imagens ligadas às primeiras vivências de satisfação junto a outrem: “Corresponde”, nas palavras de Menezes, “ao investimento das marcas mnésicas deixadas pela experiência de satisfação e ao investimento destas como norteador daquilo que o sujeito busca nos sonhos, sob forma alucinatória ou pelos pensamentos.” Mas o fundamental nisso tudo é que “O que dá realidade ao vivido, ao pensado, é o desejo inconsciente” (MENEZES, 2006, p.67). Assim, Freud aprende com o sonho sobre o desejo e faz deste o que, propriamente, nos constitui.

Da perspectiva terapêutica o criador da psicanálise, como dissemos, considerava os sonhos a via régia para o inconsciente. Isso significa que nos sonhos não só encontramos o inconsciente em ação, já que traduz o desejo inconsciente usando uma linguagem própria, mas também em transformação, pois sonhar é um pensamento/desejo endereçado ao analista e, portanto, um modo de comunicação na transferência. Como o sonho é uma mensagem, a forma como o analista responde interfere na produção onírica do analisando e na análise. O sonho, por mais desconcertante que seja seu conteúdo, é sempre algo posto entre o analista e o analisando, um objeto transicional como diria

Winnicott, por isso compreender essa comunicação é o que vem primeiro. O paciente, por exemplo, pode estar tentando seduzir o analista com imagens oníricas maravilhosas ou despistá-lo do que interessa em sua intimidade.

Em 1911, Freud (1911, p.260) afirma não defender que a interpretação dos sonhos no tratamento seja praticada como uma arte em si mesma, caso em que poderia provocar uma enxurrada de sonhos na sessão. Essa abundância de material poderia ser apenas mais uma manifestação da resistência. Se isso acontece, diz ele: "... nesse meio tempo a terapia ficou muito atrás do presente e perdeu o contato com a atualidade". Assinala ainda que "... para o tratamento é da maior importância conhecer a todo momento a superfície psíquica do doente, estar a par dos complexos e das resistências que então foram ativados, e da reação consciente a eles que governará sua conduta". Enfatiza essa posição dizendo que abordar o que primeiro vem à mente do paciente na sessão é uma regra à qual não se faz exceção, mesmo em favor da interpretação dos sonhos.

Contar com a associação livre e a atenção flutuante na atualidade da sessão pode ser o que existe de mais perturbador a realizar, pois parece deixar-se tudo a serviço da casualidade. Na verdade, é isso mesmo que é sugerido, pois é por esse meio que o controle do eu consciente é suspenso ou enfraquecido para que o inconsciente possa agir produzindo algo que é da natureza de um sonho na sessão. Freud (1911, p.263) é enfático quando diz: "... posso garantir que somos recompensados cada vez que nos decidimos a ter fé em nossas afirmações teóricas e nos convencemos a não disputar à direção do inconsciente o estabelecimento de conexões".

3. Uma leitura contemporânea dos sonhos

Existe uma tendência atual em considerar o processo que se desenrola na sessão analítica como análogo ao sonho com a regra da associação livre e a atenção flutuante invocando as capacidades oníricas da mente do analisando e do analista. Que o inconsciente se expressa tanto através desses recursos quanto dos sonhos foi um dado assinalado por Freud (1909, p.32), desde os primórdios da psicanálise: "Não é o estudo das divagações, quando o doente se sujeita às regras psicanalíticas, o único recurso técnico para a sondagem do inconsciente. Ao mesmo escopo servem dois outros processos: a interpretação dos sonhos e o estudo dos lapsos e atos casuais". Poder-se-ia afirmar que o método analítico tal como originalmente criado tem ganho em compreensão e credibilidade sendo reforçada sua aplicação ao longo desses mais de um século de trabalho.

À semelhança do sonho, a tendência é considerar o que o paciente fala como sendo "o conteúdo manifesto", tecido em "restos diurnos" de lembranças de sentimentos e fatos recentes, que remete a um "conteúdo latente". Nunes

(2000) assinala que o material da sessão está, igualmente, sujeito ao processo primário, embora menos que no sonho e que a escuta transferencial facilita a apreensão das condensações, deslocamentos, atos falhos e pensamentos por imagem, sobretudo, aqueles que remetem a lembranças encobridoras.

O sonho fornece, ainda, o modelo para a construção do dispositivo analítico. Analista e analisando se encontram numa mesma sala sem interferências externas e conservando os elementos do enquadre como dias e horários fixos, mantendo a neutralidade, a regra da abstinência, a associação livre e a atenção fluante. Essas são as condições para uma espécie de adormecimento, no qual o sonhar pode surgir e por extensão a investigação do inconsciente.

M. Klein (1981) foi a primeira psicanalista a fazer uma analogia clara entre a sessão analítica e o sonho. Em 1926 ela afirmou que a linguagem gestual, verbal e lúdica da criança poderia ser compreendida se usássemos os mesmos métodos também necessários para compreender os sonhos. Brincar era sonhar um sonho sob as vistas e a influência do analista. Pontalis (2005) comentando esse posicionamento adverte que estabelecer uma equivalência entre sessão e sonho pode levar a considerar o conjunto do texto da sessão como passível de uma interpretação, o que na prática contribui para uma forma de relação nada desejável como “perseguição e docilidade” entre analista e analisando.

A. Ferro (1995) ressalta a ideia de considerar o jogo da criança como uma atividade semelhante ao conto de fadas: brincar na sessão lúdica é construir uma estória. Freud, como sabemos, fazia a relação entre os sonhos, os mitos e as lendas e mesmo escreveu um de seus mais famosos casos clínicos - o caso do Homem dos Lobos – com base na observação da influencia que os contos de fadas exercem sobre a mente infantil como possibilidade de dar expressão a conteúdos terríficos. Esses conteúdos se tornam toleráveis quando podem ser simbolizados através do brincar, da escrita ou da fala, assim como os sonhos são tentativas de elaboração de desejos conflitantes dos mais diversos tipos. A mente contém, portanto, impulsos antagônicos e angústias intensas, sonhar significa que o Eu tem força e está suficientemente integrado para lidar com as tensões pertencentes ao sonho. Segundo Garfinkel (2006, p.83) “um sonho que pode ser sonhado, recordado e apropriadamente relatado, dá testemunho da “força do Eu” do sonhador”.

Nessa linha de pensamento, muito antes, Freud (1911, p.261) observou que um único sonho pode expressar “em linguagem onírica” os conflitos e desejos mais significativos do sonhador: “Um sonho tal se baseia frequentemente em todo material patogênico do caso” (...); “as vezes ele equivale a uma tradução para a linguagem onírica do todo o conteúdo da neurose. (...) “A completa interpretação de um sonho desses coincide justamente com a realização de

toda análise”. Assinala que mesmo esse tipo de sonho aparecendo no início da análise, não pode ser solucionado, porque se baseia em um material que o paciente e o analista não conhecem. Só com o transcurso da análise é que vão tendo progressivamente acesso a ele, como se todo o processo analítico consistisse no que é requerido para interpretar esse único sonho. Tem algo que precisa ser ainda sonhado na sessão ou fora dela mas induzido por ela. Freud sustentava ainda que uma análise pode acontecer mesmo sem sonhos, mas prossegue melhor com eles e muito melhor com um analista que domine sua interpretação.

Mas o que fazer com os pacientes que não trazem sonhos e mesmo o processo de associação livre é feito com grande dificuldade? O paciente é silencioso, fala pouco ou sua fala é uma avalanche de palavras como uma descarga automática com a qual ele não tem contato. Conforme a inspiração bioniana, segundo Nunes (2000), o analista deve sonhar as imagens que o paciente projeta em sua mente. Para isso é preciso que ele tenha uma capacidade onírica bem estabelecida ou nos termos de Bion, uma função alfa desenvolvida, de maneira que ele possa escutar com *reverie* o relato da sessão ou o que quer que o paciente projete em sua mente através das identificações projetivas. Estas, as identificações projetivas, representam a forma dominante de comunicação do bebê com a mãe e continuam parcialmente na vida adulta consistindo no cerne da parte psicótica da personalidade. Na análise os aspectos cindidos do paciente são projetados dentro do analista que se supõe ser suficientemente analisado para ver as imagens correspondentes. Sua intuição diz respeito, essencialmente, à sensibilidade imaginativa que se relaciona à capacidade para sonhar os aspectos não simbolizáveis do analisando. Ao comunicá-los na análise, o analista favorece o sonhar do analisando até o ponto em que ele próprio possa dar expressão às suas próprias questões.

Isabela é um desses pacientes que parecia extremamente difícil no início. Interações repetidas em clínicas psiquiátricas culminaram em uma tentativa de suicídio. Nos primeiros tempos de análise Isabela dizia que só queria dormir e ameaçava deixar o tratamento como uma empreitada inútil. Dormir, aliás, foi o modo como ela passou a dar significado à tentativa de suicídio. Eu indagava pelos seus sonhos, onde eles estavam? Isso, acredito, mobilizou-a de algum modo - os sonhos são um objeto libidinalmente investido pelo sonhador - tanto que, aos poucos, Isabela começou a relatar que sonhava brigando a mãe.

Passamos a falar em torno do ódio, mas também da forte ligação, que Isabela tinha para com ela e dos motivos que a levavam a sentir-se assim. Nessa ocasião, Isabela percebeu que eu não tomava partido nas brigas que ela relatava, tanto as do passado como as do presente, pois à medida que ela passou a

melhorar, o humor depressivo transformou-se em agressividade, que se voltava contra mim sob a forma de deixar o tratamento, mas também de sair de casa, fugir para um lugar distante e idealizado, longe dos objetos maus que eu e sua família passamos a representar.

Tempos depois, um sonho marcou uma virada importante. Isabela sonhou que “ela e sua mãe estavam no centro da cidade, perdidas. Sua mãe estava na direção do carro. Mas depois de algum tempo encontrou o nome da rua”. Digo a Isabela que “é assim que ela está experimentando a análise. Nós estamos no mesmo carro realizando um percurso, o tratamento, e estamos procurando os nomes para que assim possamos dar um sentido e com isso encontrarmos uma orientação: o que fazer de sua vida”. Nas sessões que se passaram depois Isabela lembrou trechos de músicas, um em particular dizia “eu conheço as manhas e as manhãs”. Em certo momento confidenciou “o sentimento é um labirinto!”.

Considerações finais

Mais para finalizar do que concluindo essa breve revisão de um tema tão complexo e com tantos desdobramentos ressaltamos nesse trabalho a noção de que o estudo efetuado na *A interpretação dos sonhos* é o resultado dos esforços de Freud para tornar-se senhor dos sonhos, não apenas dos seus próprios e de um ponto de vista do conteúdo, mas, sobretudo, de seus mecanismos de constituição, ou seja, a série de transformações que tem início com os desencadeantes do sonho - pulsões e restos diurnos - até o produto final: o sonho narrado em palavras. As leis que regem o trabalho do sonho foram, igualmente, encontradas em outras formações psíquicas como sintomas, esquecimentos, atos falhos e ainda num tipo especial de material onírico produzido por intermédio da livre associação na sessão analítica.

Em destacando essas semelhanças, os analistas de hoje tendem a concentrar-se em algo como uma capacidade onírica da mente estudada com o nome de *reverie* entre os bionianos, mas já identificada em produções como contos e lendas, no brincar das crianças, etc., além de, evidentemente, nos sonhos. Essa capacidade onírica da mente tem a ver com a possibilidade de representação de seus conteúdos e com o estabelecimento de uma tela mental onde o sonho é projetado ou de um espaço psíquico interno, que como num teatro particular dá forma, estabelece cenários, cria personagens que traduzem as várias tendências do sujeito e fantasias onde o desejo figura. Que Freud tenha justamente tomado os sonhos e não outra manifestação como objeto preferencial de estudo foi altamente revelador nesse sentido!

Quanto ao sonho como fenômeno na sessão, hoje os analistas parecem estar mais preocupados em discernir o que o sonho representa na análise como experiência ou recusa de experiência antes de tentar decifrá-lo. Em assim fazendo estão seguindo as sugestões técnicas e o pensamento freudiano expresso já no ano de 1911. Na sessão mesmo, o mais importante é a transferência analítica, onde a realidade psíquica pode ser encenada tomando o analista como objeto de projeção de seus conteúdos. Mas isso, por sua turno, só acontece, se há uma tela como uma mente para sonhar. Portanto, algumas vezes o trabalho do analista, ou seu trabalho primeiro, consiste em auxiliar na criação dessa tela emprestando as suas capacidades oníricas ao paciente. Possivelmente, esta tenha sido a inovação desenvolvida pelos seguidores de Freud, ele que só defendia a utilização da psicanálise em pacientes que tivessem boas capacidades de simbolização.

Que o analista possa criar o espaço analítico onde o sonhar do analisando encontre as condições necessárias para evoluir ficando no lugar que ele lhe confere sem acordá-lo prematuramente ou possa sonhar o sonho que o analisando não consegue figurar, eis a trabalho analítico. É assim que o sonho continua sendo a via régia para o inconsciente.

Referências

FERRO, A. O Jogo. In: _____. *A técnica da psicanálise infantil: a criança e o analista: da relação ao campo emocional*. Tradução Mercia Justum. Rio de Janeiro: Imago, 1995. 77-101.

FORRESTER, J. Retrato de um leitor de sonhos. In: *FREUD: conflito e cultura: ensaios sobre sua vida, obra e legado*. Organizado por M. Roth em Associação com The Library of Congress. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 52-60.

FREUD, E. L.; GRUBRICH-SIMITIS, I. *Sigmund Freud, his life in pictures and words*. New York: W.W. Norton, 1998.

FREUD, S. Cinco lições de psicanálise. In: *OBRAS completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v. 9. Trabalho originalmente publicado em 1909.

FREUD, S. O estranho. In: *OBRAS completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 17. Trabalho originalmente publicado em 1919.

GARFINKEL, D. Um espaço para sonhar. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 40, n. 20, p. 82-89, 2006.

HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, M. Fundamentos psicológicos da análise infantil. In: _____. *Psicanálise da criança*. Tradução de Póla Civelli. São Paulo: Mestre Jou, 1981. Trabalho Originalmente publicado em 1926. p. 25-39.

MASSON, J. M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MENEZES, L. C. A descoberta inaugural: o desejo humano, este obscuro e incerto objeto. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 67-76, 2006.

NUNES, C. H. P. A interpretação dos sonhos hoje. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 299-308.

PONTALIS, J.-B. Entre o sonho-objeto e o texto-sonho. In: _____. *Entre o sonho e a dor*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Idéias & Letras, 2005. p. 33-73.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.